

PAISAGEM E LUGAR: A PERCEPÇÃO DOS COMERCIANTES DA PRAIA DA PONTA NEGRA-MANAUS/AM-BRASIL

RESUMO

Compreender as imagens que se tem de um lugar, é reconhecer o grupo que o habita e o experiencia, isto é, que dão sentido para sua existência. Nessa perspectiva, o lugar aqui, é compreendido para além de sua localização geográfica, por ser o reflexo das relações culturais, vividas e experienciadas pelo homem. Assim, podemos afirmar que ao estabelecer a percepção dos que habitam esse lugar, têm-se nele a contemplação de diversas paisagens, pois cada indivíduo a interpreta segundo a relação que estabelece com os lugares. Portanto, a paisagem da Praia da Ponta Negra, que será aqui analisada, é aquela vivida pelos comerciantes, por apresentarem em sua maioria uma experiência de vida com esse lugar, ou seja, pensar esses homens como sujeitos construtores dos lugares que vivenciam.

Palavras-chave: Paisagem; Lugar; Ponta Negra; Geografia.

ABSTRACT

Understand the images that have a place, it is to recognize the group that inhabits and the experience, that is, that give meaning to their existence. From this perspective, the place here, it is understood apart from its geographical location, being the reflection of cultural, lived and experienced by man. So we can say that by establishing the perception of those who inhabit this place, have in him the contemplation of diverse landscapes, as each individual interprets it according to the relationship established with the places. Therefore, the landscape of the Ponta Negra Beach, which will be analyzed here, is that experienced by merchants, mostly because they have a lifetime of experience with this place, that is, to think these men as subjects builders of the places they experience.

Keywords: Landscape; place; Ponta Negra; Geography.

RESUMEN

Comprender las imágenes que tienen un lugar, es reconocer el grupo que habita y la experiencia, es decir, que dan sentido a su existencia. Desde esta perspectiva, el lugar aquí, se entiende al margen de su situación geográfica, siendo el reflejo de la diversidad cultural, vivió y experimentó por el hombre. Así que podemos decir que mediante el establecimiento de la percepción de los que habitan en este lugar, tienen en él la contemplación de paisajes diversos, ya que cada individuo interpreta de acuerdo con la relación que se establece con los lugares. Por lo tanto, el paisaje de la playa de Ponta Negra, la cual será analizada aquí, es la experimentada por los comerciantes, sobre todo porque tienen una vida de experiencia con este lugar, es decir, pensar que estos hombres como sujetos constructores de los lugares que experimentan.

Palabras clave: paisaje; lugar; Ponta Negra; Geografía.

VALDELICE CARVALHO DE SOUSA

Mestranda em Geografia da
Universidade Federal do Amazonas
valdelice.geo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Estudar a percepção dos que vivenciam os lugares, é contemplar as diversas paisagens que são construídas, isto é, conseguir ver as imagens que cada indivíduo cria segundo suas experiências. Neste sentido, Claval (2001) destaca que o homem afirma sua personalidade, suas convicções e suas esperanças ao representar uma dada paisagem.

Nogueira (1994) nos coloca que para cada homem, ou até para cada grupo, existe uma imagem diferente do espaço, e esta imagem não é fantasia, pois é apreendida pelo indivíduo que percebe o mundo que o rodeia, a partir de sua experiência de vida, o espaço vivido, que é também concreto, uma vez que são analisados por homens concretos, sujeitos inseridos no tempo e no espaço, sujeitos histórico-espaciais.

Assim, a paisagem da Praia da Ponta Negra, que será aqui analisada, é aquela vivida pelos comerciantes, por apresentarem experiências de vida com esse lugar, ou seja, pensar os seres humanos como construtores dos lugares que vivenciam. Cumpre destacar, que a metodologia empregada para relatar a percepção desses comerciantes foram as entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas foram conduzidas de maneira informal procurando deixar que os entrevistados discorressem livremente sobre os lugares importantes da Praia da Ponta Negra, e que diz respeito as suas experiências e vivências. Esse procedimento metodológico, nos dar suporte para investigar a experiência de quem vivencia o lugar, dos quais são atribuídas características afetivas, compartilhadas de emoções conferidas ao espaço.

Na Geografia, o lugar em seu significado geral é uma parte ou porção do espaço terrestre, que são constituídos por diversos lugares diferentes, porém, o lugar é compreendido para além de sua localização geográfica, pois entendemos que os lugares são construções cotidianas de quem os vivenciam, para que isso fosse possível, “adentramos” ao mundo vivido dos sujeitos, que por meio da percepção representaram a paisagem do lugar.

Nesse contexto, a percepção de uma dada paisagem é construída tendo em vista as impressões que o indivíduo tem do mundo, o qual é carregado de simbolismo, onde possuem uma relação de identidade com os objetos descritos. Portanto, assegura-se que por meio da experiência dos lugares, foi possível demonstrar que a partir da Geografia, podemos entender o mundo vivido, isto é, o lugar enquanto essência humana.

REFERENCIAL TEÓRICO

A GEOGRAFIA CULTURAL E HUMANÍSTICA: “NOTAS INTRODUTÓRIAS”

A partir da década de 70 com o surgimento da “nova Geografia”, ocorreu o processo de renovação na abordagem cultural dessa ciência, passando a interessar os geógrafos quando perceberam o quanto eram diversos os efeitos que a ação do homem produzia na superfície terrestre, muito mais ainda quando a geografia passa adotar uma abordagem sistêmica em suas análises. (CORRÊA e ROSENDAHL, 2011; CORRÊA, 2001).

Vale lembrar que inúmeras foram as influências pelas quais a renovação da Geografia Cultural passou, destaque para as contribuições de Sauer e Vidal de La Blache, houve também os fundamentos das filosofias do significado, principalmente da fenomenologia, e do denominado materialismo cultural de Raymond Williams. Além disso, Claval (2002) aponta que a renovação é caracterizada como fruto das transformações do mundo, ligado principalmente aos aspectos materiais da vida.

É importante considerar, segundo Claval (2001) que a partir da modernização da Geografia Cultural, marcada pela Geografia nova, os geógrafos deixaram de se considerar naturalista. Isto é, percebeu que os fatos não poderiam ser explicados unicamente através da perspectiva ligada a natureza, pois o homem, por viver em sociedade cria em relação ao meio valores e crenças, dos quais só podem ser compreendidos numa dimensão cultural.

Nesse contexto, a Geografia europeia já se ocupava da dimensão cultural da sociedade, destacando como foco central o resultado da ação humana, responsável pela alteração da paisagem natural. Portanto, era as relações de um determinado grupo humano e a natureza que determinava essa alteração, o que conseqüentemente produzia cultura.

Vale lembrar que antes do processo de renovação da Geografia, a cultura era pensada a partir de uma perspectiva material, onde os seres humanos eram considerados produto do meio. Com a reforma, percebeu-se que a mesma deveria ser compreendida por meio de um sistema de representações. Desse modo, Zanatta (2007) ressalta que no sentido antropológico, a cultura representa o modo de vida de uma sociedade, logo deve ser estudada levando em consideração a produção dos objetos materiais, o sistema cultural e o sistema simbólico.

Os estudos geográficos dos quais adotavam a perspectiva cultural, só veio fortalecer ainda mais as características do termo cultura na Geografia. Diante disso, os novos horizontes da dimensão geográfica da cultura foram encontrados na revalorização dos fundamentos do humanismo, marcado pela hermenêutica, método baseado na compreensão da singularidade das vivências humanas. Mediante, a essa perspectiva é possível alcançar significações, revelando a essência dos fatos que representam as experiências vividas (Zanatta, 2007).

É diante dessa abordagem assegura-se que a Geografia Cultural possui similaridade com a Geografia Humanística, é por essa razão que muitos autores fazem referência a essa perspectiva sem separá-las, pois os pontos que ambas tem em comum são diversos, dentre eles, destaque para a insistência em assegurar que a Geografia está além da ciência, como ressalta Sauer (1983) *apud* Holzer (2013) a melhor geografia se faz contemplando as qualidades estéticas da paisagem através do método subjetivo.

Além disso, outro ponto em comum é sua recusa em aceitar os preceitos da Geografia Quantitativa, tendência que busca imitar as ciências exatas, visto que, é tido como o campo das ciências de maior objetividade, o que vem se tornando cada vez mais usual nas ciências sociais. (HOLZER, 2013)

Porém, apesar da objetividade que caracteriza a validação do conhecimento, observa-se um grupo de estudiosos que procuram trabalhar os fatos correlacionando os fundamentos por quem experienciam, esse embasamento está diretamente ligado à fenomenologia existencial, que segundo Christofolletti (1985) preocupa-se em analisar os aspectos essenciais dos objetos da consciência, utilizando-se da experiência vivida e adquirida pelo indivíduo.

Neste contexto, a Geografia Humanística procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. (CHISTOFOLETTI, 1985). Nas palavras de Tuan (1985) a Geografia Humanística busca entender o mundo através do conhecimento geográfico, mediado pela relação que se tem do espaço e do lugar.

Diante da abordagem, é correto afirmar que o humanismo representa grande importância na estruturação da Geografia Cultural Humanística. Para Tuan (1976) *apud* Holzer (2008) o humanismo seria uma forma adotada com objetivo de compreender os estudos das humanidades na leitura abrangente de temas geográfico, a partir da ampliação da perspectiva cartesiana.

Entretanto, podemos assegurar que fazer uso das proposições humanística na Geografia não é tarefa fácil, pois muitos autores a interpretam como uma perspectiva não científica. Nesse sentido, Lowenthal (1967) citado por Holzer (2008) destaca que o problema da ciência geográfica é se preocupar com a natureza do ambiente, ou seja, com o dito “mundo real”.

A nova linha de pensamento da Geografia ligada ao ponto de vista humanístico busca compreender os temas geográficos de forma totalizante, isto é, que incorporando a relação subjetiva do homem e o meio. Dessa forma, Tuan (1985) considera que a Geografia Humanística procura entender o mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, mediado principalmente pelos sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. Vale lembrar que essas relações são construídas a partir de uma representação cultural.

Holzer (2013) salienta que a Geografia Humanista é tributária da Geografia Cultural, particularmente da obra de Sauer, além das contribuições desse autor, têm-se as produções Meinig, Tuan, Relph, Wright, Lowenthal e Dardel que influenciaram na estruturação do humanismo, procurando manter as características culturais e antropocêntricas nesta perspectiva.

Embora a fenomenologia existencial possua fundamentos mais antigos em Kant e em Hegel, são nas expressões da filosofia de Husserl que foram atribuídos os primeiros significados contemporâneos da fenomenologia. No entanto, esse movimento filosófico foi ampliado e vários autores forneceram elementos importantes, tais como Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre (CHRISTOFOLETTI, 1985).

Rocha (2006) salienta que Husserl procurou estabelecer uma nova forma de pensamento sobre a lógica, cuja base seria as experiências da consciência não interpretadas, tomando como máxima o compreender as coisas em si mesmas, ou seja, por meio de uma fundamentação fenomenológica.

O fundamento das análises da concepção humanística tenta entender como as atividades e fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana (Tuan, 1985). Para isso deve-se levar em consideração o método fenomenológico, que segundo Buttimer (1985, p. 185) “a fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a tornar-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então, procurar por denominadores comuns na experiência dos outros”.

Portanto, a proposta da pesquisa é considerar o sujeito enquanto indivíduo, isto é, contemplar a análise subjetiva e individual do mundo. Nessa perspectiva, Holzer (2008) assinala que o método fenomenológico destaca a experiência humana ligada ao mundo vivido do indivíduo, “mundo” do qual é carregado de valores. Enfim, se apresenta como uma abordagem que busca compreender o espaço geográfico como lugar de vivência.

A ABORDAGEM CULTURAL NA GEOGRAFIA: “UM ELO DE COMPREENSÃO DA PAISAGEM”.

Pensando a Geografia a partir de seu objeto de estudo que é compreender as relações socioespaciais, podemos afirmar que diante das inúmeras maneiras assumidas por essa ciência, a abordagem cultural ganha grande destaque nessa compreensão. Contudo, vale ressaltar que não temos a pretensão de discutir as bases epistemológicas do conceito de cultura, mas, apontar sua importância diante da compreensão da categoria paisagem.

Buscando realizar uma breve exposição sobre o entendimento da abordagem cultural, temos que, os indivíduos são os responsáveis por dar sentido as paisagens, portanto são moldadas pela cultura. Segundo Bonnemaïson (2002) a abordagem Cultural na Geografia caracteriza-se pela relação que une os homens aos lugares, relação essa que sofre variação de acordo com as civilizações e as épocas.

Nesse contexto, Bonnemaïson (2002, p.110) ressalta que “a cultura engloba o vivido, ao mesmo tempo em que o transcende”, pois afirma-se que vai além do horizonte cotidiano, originando-se da sensibilidade e da busca de significações. Mediante a isso o mesmo autor assegura que,

... a cultura é apreendida “no solo” como um feixe de valores amarrados no espaço-território. O que significa dizer, falando geograficamente, que não podem existir grupos coerentes, nem de etnia e talvez nem mesmo de cultura, sem um território portador. Inversamente, os territórios, os lugares e a paisagem não podem ser compreendidos senão em referência ao universo cultural. (BONNEMAISON, 2002, p.110)

Portanto, as bases teóricas salientadas são fundamentais para compreender o significado de paisagem, é o que Claval (2002, p.37) assegura ao ressaltar que “definir uma

cultura significa apreciar, na paisagem, o conjunto das modificações que o homem trouxe para o meio ambiente”.

Para Côrrea e Rosendahl (2011) a cultura classifica os seres humanos em grupos definidos, segundo as características comuns e também de acordo com a área que ocupam. Dessa forma, os homens que habitam esse espaço comum podem comunicar-se entre si por meio de símbolos.

Segundo Claval (2002) a cultura é expressa por meio das paisagens, sendo transferido de uma geração para outra, os saberes, as crenças, os sonhos e as atitudes sociais. A paisagem carrega a marca das culturas que a formaram, por isso é comum escutarmos que as paisagens são moldadas e construídas pelos indivíduos.

Diante disso, temos que a paisagem é ao mesmo tempo o prolongamento e o reflexo de uma sociedade, e um ponto de apoio oferecido aos indivíduos para se pensar na diferença com outras paisagens e outras sociedades. (SAUTTER, 1979 *apud* BONNEMAISON, 2002.).

Para Côrrea e Rosendahl (2011) qualquer sinal da ação humana numa paisagem implica uma cultura, demanda uma história e exige uma interpretação ecológica. Nesse sentido, Claval (2002) menciona que:

A cultura assim compreendida é feita de elementos que a atividade humana inscreve de maneira visível no ambiente. Ela engloba as construções, estradas, campos, aterros, cercas e culturas. Na superfície, o impacto do homem é marcado, sobretudo por sua ação sobre a vegetação e a fauna. (CLAVAL, 2002, p. 137)

A ação humana sobre a paisagem marca sua história, conseqüentemente a sua cultura, das quais são expressas por meio de sistemas de representações do cotidiano. Logo, é através dessas representações que as paisagens ganham vida, pois é percebida e concebida pelas experiências geográficas que os homens estabelecem com os lugares.

PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DOS COMERCIANTES: A PRAIA DA PONTA NEGRA

A PRAIA DA PONTA NEGRA

A Praia da Ponta Negra é uma praia fluvial às margens do Rio Negro, localizada a 13 km do centro de Manaus, capital do Amazonas. Atualmente, possui uma infraestrutura que a transformou num dos principais pontos turísticos da cidade e lugar de encontro da população manauara.

Em função das inúmeras modificações no local, a área que compreende a praia, o calçadão e o anfiteatro passam a ser denominada de Parque Cultural, Esporte e Lazer Ponta Negra, diante dessa intervenção paisagística, o local resultou num grande complexo arquitetônico, o que valorizou ainda mais a área.

É importante lembrar, que esse espaço de lazer, ainda não denominado de parque, foi construído na década de 90, dotado de quadras de esporte, praças e pontos comerciais. Porém, sem receber algum tipo de manutenção durante os anos seguintes, o local foi se deteriorando até ficar quase que completamente abandonado.

No entanto, com a intervenção urbana e a criação do parque, o local torna a ser, um dos atrativos de recreação da população local, sendo também frequentemente visitado pelos turistas. Dessa maneira, podemos afirmar que esse lugar reúne num único ambiente diversidades culturais.

Dentre a frequência constante de pessoas fazendo uso da praia, bem como do calçadão, temos juntamente com eles, a presença dos comerciantes, que em sua maioria estão estabelecidos em barracas (Figura 01). Além disso, estão sendo instalados novos pontos comerciais na forma de containers na área do calçadão. Vale considerar, que os pontos comerciais são administrados por cooperativas que possuem ligação direta com a prefeitura.



Figura 01: Comerciantes nas barracas próximos à orla. Fonte: Sousa, Valdelice C. de. 2014

PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DOS COMERCIANTES

Ao procurarmos entender como os comerciantes percebem a Ponta Negra, sentimos a necessidade de compreender o termo percepção, que para Del Rio (1999) é esclarecida como sendo o processo mental de interação do indivíduo com o ambiente que se dá por meio de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos.

Levando em consideração a percepção desses comerciantes, temos que as mudanças tornaram a área melhor, mais organizada, segura, no entanto, para quem depende do comércio, piorou, pois com a reforma, as vendas tornaram-se restritas, podendo apenas vender água, refrigerantes, cervejas, bombons e salgadinhos. Vale ressaltar, que se algum comerciante infringir as normas estabelecidas são advertidos, caso permaneçam descumprindo, podem até perder o ponto comercial.

Em relação a isso, um dos comerciantes relatou que “Naquele tempo era muito melhor, rolava mais dinheiro, pagava menos, trabalhava do jeito que queria. Agora a Ponta Negra morreu”, referindo-se a Ponta Negra antes e depois da revitalização.

Mas, quando questionados a respeito do lazer, alguns responderam que não gostam, por terem ali como seu local de trabalho, e ir para a Ponta Negra se divertir, não faz sentido. Outros, que mesmo trabalhando, tentam usá-la como momento de descontração com os amigos.

Diante das entrevistas realizadas foi possível comprovar que a paisagem da Ponta Negra é marcada por diversos sujeitos que caracterizam esse lugar, que pensar nas transformações que a orla passou durante esses últimos anos, é resgatar de certa forma as lembranças de um lugar jamais esquecido, marcado pelas relações de afeto que representam a paisagem descrita por seus sujeitos.

Nessa perspectiva, Dardel (2011) aponta que a paisagem possui uma carga de afetividade, pois compreende o que está ao redor do homem, como ambiente terrestre. É um ambiente vivido, caracterizado por uma ligação interna, que une todos os elementos geográficos, como a planície, o solo, a vegetação, o céu de inverno, as distâncias e as direções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo isso, a paisagem é definida como uma unidade visível caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural em que o passado e o presente estão representados. É o que Brunet (1992) citado por Claval (2004) destaca, ao afirmar que as paisagens comportam ao mesmo tempo indícios (formas sem intenção) e signos (intencionais), abarcando a identidade do lugar, das direções, obrigações, interdições, autorização, orientação e canalização da circulação.

Portanto, a Ponta Negra apresenta diversidade em suas paisagens, pois são construídas pelos sujeitos que a compõe, onde o homem a modifica segundo uma dimensão simbólica que estabelece com o lugar, expressando desta maneira seus valores, crenças e mitos. Assim, a cultura tem um papel fundamental na modelação da paisagem.

Dessa forma, as paisagens são constantemente criadas e recriadas mediante a relação do homem com o meio, pois são os mesmos que dão forma as paisagens dos lugares. Em outras palavras, a paisagem representa a imagem que o homem tem do lugar, ou seja, percebe seu mundo segundo suas experiências.

REFERÊNCIAS

- BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Geografia Cultural: um Século (3)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.
- BUTTNER, Anne. Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. 2ª edição. Rio Claro: DIFEL, 1985.
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. As perspectivas dos Estudos Geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. 2ª edição. Rio Claro: DIFEL, 1985.
- CLAVAL, Paul. O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- _____. Campo e perspectivas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.
- _____. A Paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e a Escola de Berkeley-uma apreciação. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- CORRÊA R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org). **Introdução à Geografia Cultural**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- HOLZER, Wether. **A Geografia Humanística: uma revisão**. Espaço e Cultura, UERJ. Rio de Janeiro, edição comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.
- _____. **A Geografia Humanística: sua trajetória 1950-1990**. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2013.
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista; **Mapa mental – Recurso didático no ensino de Geografia no 1º grau: Dissertação de mestrado**. Departamento de Geografia: USP. São Paulo, 1994.
- RIO, Vicente Del. Vicente Del Rio e Livia de Oliveira (orgs.). **A percepção Ambiental - a experiência brasileira**: Nobel. São Paulo, 1999.

ROCHA, Samir Alexandre. **A valorização da paisagem natural protegida em área urbana: parque municipal do Finder, Joinville (SC)**. Dissertação de mestrado, Florianópolis/SC, 2006. .

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectiva da Geografia**. 2ª edição. Rio Claro: DIFEL, 1985.

ZANATTA, B. A. **A abordagem Cultural na Geografia**. *Temporis(ação)*. UEG, v.1, nº 09, p.249-262, 2007.